



CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Fundado em 1933

Rua Dr. Vila Nova nº 81, 4º andar, sala 41-Vila Buarque. Caixa Postal 2066 SP/SP CEP 01060-970
Fone: 0xx11.3362-0663 e-mail: ccssp@uol.com.br

O PARTO DA MONTANHA* por Mário Ferreira dos Santos**

Em “Mas que afinal é o socialismo?”, oferecemos um conceito do que julgamos socialismo, e neste artigo é nosso desejo examinar alguns pontos que naquele foram tratados por alto. Entre eles os dos meios e dos fins.

Não é tema novo, este. E muitas páginas já foram escritas, em ferozes polêmicas. Contudo, é um tema sempre atual.

Para nós um fim honesto deve ter meios honestos e absolutamente honestos e quanto mais honestos, mais honesto se tornam os fins. Deste modo nos colocamos do lado do socialismo ético. Não concebemos o socialismo sem ética, porque, desejando ele um ideal de compreensão, de união e de superação humanas, não se concebe que os homens vivam temerosos de seus semelhantes, receosos da sinceridade de suas palavras e atos. Alegam outros que os meios devem ser os mais eficientes para a consecução dos fins e esses meios mais eficientes nem sempre são os mais éticos e que, além disso, a ética deve ser uma ética de classe e não uma ética humana, pois no “princípio era a classe...”.

Há algumas razões para tal opinião, não há dúvida. Mas é preciso que antes se examine se realmente esses meios são os melhores e mais eficientes. Novos problemas surgem já aqui como esse da prioridade da classe. Para nós o homem é antes de tudo homem. Sabemos que muitos socialistas não contêm sua indignação quando afirmamos tal coisa e, em certas ocasiões especiais, não nos livrariamos do pelotão de fuzilamento por termos afirmado tal heresia.

Mas que fazer: para nós o homem antes de ser classe é um homem, é um homem em sua mais íntima essência, é um homem que reproduz o passado, a herança que vem de seus avós, é um homem e como homem tem um ponto de contato, um ponto de identidade com todos os seres chamados humanos. Quando ainda não havia classes já havia homens e o homem precedeu as classes. Que essas modelam suas perspectivas, que essas transformem seus pontos de vista, está certo e ninguém nega o valor das ideologias, mas o que há de homem em cada homem é algo de irredutível que não pode nem deve ser desprezado. Pois é fundamentado nesse ponto irredutível que a ética tem de se firmar e realmente deve se firmar.

Para nós as qualidades boas ou más dos homens são apenas perspectivas do que o homem é realmente. Como temos dificuldade de raciocinar dinamicamente, e nos é difícil ver o homem como um processo dinâmico, no cosmos e em si mesmo, necessitamos vê-lo alternativamente, por este ou por aquele prisma. Assim pecam por ênfase aqueles que apenas querem ver

no homem o que se intitula o mal ou aqueles que apenas querem ver no homem o que se intitula o bem.

A nosso ver há no homem e em suas relações uma série de elementos sociais que lhe permitem um desabrochamento mais útil às suas relações. Por exemplo: não pode o homem viver à parte da sociedade. O exemplo de Robinson Crusoe já está definitivamente encerrado. É basilar para a sociedade o apoio mútuo, isto é, do apoio mútuo que uns devem e precisam dar aos outros. É nesse apoio mútuo que se fundamenta o primeiro elemento ético para os socialistas libertários que não se filiam às concepções idealistas ou espiritualistas nem as autoritárias.

Ora, é fácil compreender que esse apoio mútuo está a exigir uma compensação de uns para outros. Admitamos que alguém precisa do auxílio de um seu semelhante. É natural que ele deve dar também auxílio quando esse semelhante o precisar. Vamos além: pode haver apoio mútuo na sociedade quando alguém tema que seu semelhante lhe minta, e lhe promete algo que não vai cumprir, que o engana com boas palavras para proceder de modo diferente? Além do dever que cabe de amparar uns aos

outros, dever imposto pelas próprias necessidades do homem social e em sociedade, ninguém quer ser enganado. A prática do apoio mútuo conscientemente empregada, com sua visão social, gera a solidariedade, a simpatia, o amor, a fraternidade. Em todos esses complexíssimos fenômenos, que constituem a essência e o dinamismo desses sentimentos, o que é mais equívoco são realmente as palavras que os intitulam. Fraternidade tem um conteúdo e não é apenas uma palavra. A palavra pode ser mistificada, usada por quem não a sente ou que, pelo



Mário Ferreira dos Santos, em “Nossa Chcará”, proferindo a conferência “Temas Sociais” durante o Encontro Libertário realizado entre os dias 13, 14 e 15 de Novembro de 1965 (à sua direita, Jaime Cubero).

menos, a desvirtua de seu verdadeiro sentido, mas aquilo que, na realidade, constitui a fraternidade existe entre os homens: é a prática do apoio mútuo que gera a simpatia, o amor de homem para homem, de semelhante para semelhante. Dizer-se que tudo isso são apenas palavras ou meros preconceitos pequeno-burgueses é mais que sandice e menos que estupidez.

Agora, que as condições da sociedade atual, com sua desenfreada luta pela conquista das utilidades, com a sua absoluta falta de ética, torne menos valioso tais práticas e tais sentimentos, não implica, em absoluto, que não se deve dar-lhes o valor que realmente têm. É deste modo que o socialista ético vê logo que a verdadeira prática do socialismo deve começar imediatamente e que o socialismo não é algo que se deixa para amanhã ou se transfere para uma data que ninguém sabe quando virá. (continua =>)

=>continuação...

Para o socialista ético, e nesse campo nós nos inscrevemos, a prática do socialismo começa imediatamente e desde já e se inicia a praticar dentro de cada um, no acomodamento das suas perspectivas, na prática e nas relações com seus semelhantes.

Essa força da prática da ética pode parecer vã a muitos socialistas que dizem que nossos adversários são numerosos e fortes e que com a prática de atos profundamente éticos nossas possibilidades de êxito serão menores.

Enganam-se rotundamente e a história mostra que se a vitória esteve muitas vezes ao lado dos que passaram por cima de todos os princípios éticos, os grandes movimentos coletivos que maior prestígio e duração tiveram na história humana foram profundamente éticos, como o cristianismo, o budismo, o taoísmo, o islamismo, etc.

E a grande força que as idéias democráticas tiveram no mundo se deve em grande parte aos fundamentos profundamente éticos que tiveram; e também a nobreza, quando foi dominada por princípios éticos, teve maior força que outras classes quando dominaram a sociedade e se fundaram apenas em valores utilitários.

Um exame cuidadoso da história provará que as eras mais duradouras da história foram aquelas em que predominaram os valores profundamente éticos.

Por outro lado nos mostra também a psicologia e a vida prática que um homem convicto e sincero é muito mais forte que um homem apenas mistificado ou ressentido. Os exemplos poderiam ser apresentados aos milhares e não caberiam nos limites do artigo, mas, para finalizar este artigo, devemos acrescentar:

Enquanto todos os socialistas não retornarem definitivamente aos valores éticos, ao respeito à dignidade humana, ao respeito ao direito de divergir, ao socialismo libertário, respeitador das idéias alheias, o socialismo nunca se realizará e conhecerá quando muito regimes de opressão e de barbárie cujos resultados e proveitos serão sempre menores que os grandes sacrifícios despendidos. Neste caso, em suma, o socialismo será apenas como o parto da montanha.

* Texto gentilmente cedido pela filha do autor, Yollanda J. Hullier dos Santos.

** Mário Ferreira dos Santos foi filósofo de uma fértil produção; colaborador do Centro de Cultura Social durante a década de 1960, foi um dos responsáveis pela formação político-filosófica dos irmãos Jaime e Francisco Cubero.

POR QUE OS ANARQUISTAS NÃO VOTAM? por Nildo Batata

É preciso dizer que os anarquistas foram os únicos a estabelecerem que, se por um lado a centralização econômica gera a exploração e a miséria, por outro a centralização política é geradora da brutalidade e do rebaixamento moral dos indivíduos, que são "reduzidos" no amplo sentido desta palavra a bestas sem ação e pensamento. É por isso que a crítica anarquista ao Estado tenha sido, e continua sendo, o ponto fundamental que irrita profundamente as diversas esquerdas e a todos os democratas; e é essa crítica que torna o anarquismo intolerável e maldito.

No projeto socialista-anarquista, a socialização da riqueza encontra seu complemento necessário na socialização do poder; isso por que a relação econômica de exploração é simultaneamente uma relação de sujeição. Proudhon, em 1840, definia o princípio da propriedade como um princípio de autoridade: quando se afirma o direito absoluto de possuir a riqueza social,

coloca-se aquele que não possui em situação de subordinação frente ao possuidor; e quanto mais se apropria desta riqueza, tanto mais se escravizam os homens.

Assim, todo despotismo político é inerente a essa relação econômica de exploração, por que a desigualdade suscita inevitavelmente a organização dos proprietários contra os não-possuidores, e vice-versa, e a conseqüente constituição de uma força pública coercitiva chamada Estado. Tal como a exploração econômica, o domínio político é uma relação de guerra e de manutenção de privilégios advindos dessa guerra; a desigual distribuição das riquezas e a sujeição dos não-possuidores dão origem a um conflito desestabilizador da ordem, caso não houvesse uma autoridade central forte aonde vem romper-se toda vontade pessoal, que seja capaz de disciplinar a nação, de combater a rebeldia e de assegurar a defesa das hierarquias e dos privilégios. O que é, afinal de contas, todo esse monstruoso aparato de gestão político-econômico-prisional da força pública, do poder legislativo e do judiciário? São os instrumentos de uma guerra silenciosa, porém não menos sanguinária, onde os despojos de uma conquista são perpetuados e ampliados continuamente. Entende-se a clássica definição weberiana do Estado como "detentor legítimo da violência física", e que Foucault tenha invertido o aforismo de Clausewitz, onde "a política é a continuação da guerra por outros meios".

Isso por que o poder é aquilo que essencialmente reprime, e os mecanismos do poder são fundamentalmente a repressão; ainda aqui a paz civil não suspende os efeitos desta guerra, mas silencia seus abusos re-introduzindo-os nas instituições sociais e nos corpos dos indivíduos. A paz perpétua é, enfim, a guerra perpétua, é a guerra social, é o sangue que seceu sobre os códigos jurídicos. Da mesma forma que o fim da guerra deve ser simultaneamente o fim do político, "a derradeira batalha que suspenderia afinal, e afinal somente, o exercício do poder como guerra continuada" (FOUCAULT).

Esses são, inevitavelmente, os efeitos do governo. Vê-se a crueldade daquela ironia pela qual se deseja "melhorar o governo". O que se pretende com isso? Suavizar a escravidão; humanizar o carrasco trocando a força pela guilhotina; aumentar a ração nos presídios e engrossar seus muros; diminuir a idade penal e introduzir o ensino religioso nas FEBEM's; aumentar a força da polícia e diminuir o padrão de vida das pessoas. A trama ininterrupta dessa guerra tem mantido a autoridade política sucessivamente encarnada ora na figura de Deus, ora na pessoa do Príncipe, ora na ficção Democrática: no entanto a relação de sujeição em nada se altera. Desde o poder Autocrático dos antigos impérios até a mais liberal das democracias, deixa intacta essa relação de subordinação; essas últimas, aliás, exercem hoje um controle incrivelmente maior do que podia sonhar o rei que se vangloriava de ser o Estado: a ciência e a tecnologia aumentaram de tal modo o poder e o controle dos Estados que tornou-se quase impossível aquele desejo de Revolução muito comum durante o decorrer dos séculos XIX e meados do XX. Todo Estado foi e continua sendo, como dizia Proudhon, "a expressão armada da força coletiva".

Aos anarquistas não interessa perguntar o que o governo pode ser ou fazer: o que importa é que cada um de nós seja e faça por si, que possua vontade e ação para isso e que não seja o instrumento cego da megalomania partidária. Deste modo, o anarquismo quebra esse ciclo, onde o poder se renova continuamente, ao propor a inversão total das relações políticas, ou melhor dizendo, ao propor o fim do político como guerra continuada.

Agora, tendo o Estado essa realidade, o voto é em si um gesto essencialmente autoritário. Como explicar o ato de alguém dar a si mesmo e aos demais, senhores com o poder de decisão sobre a vida e a morte de quem os elegeu?

Chamamos de *fé* aquela "adesão imediata, irracional e sem limites aos dogmas e aos ritos cristãos" (BOUREAU), adesão pela qual o cristianismo instaurou um novo regime de verdade distinto daquele tido na antiguidade greco-romana, e que consiste na integração da revelação em um sistema de pensamento; foi por esse movimento que o cristianismo fez não somente "crer no absurdo", como também praticá-lo. E é por ele ainda que se mantêm os Estados, por ele se perpetua o absurdo da sua política e o fantasma da Democracia.

Pensem no verdadeiro ritual em que se lançam os povos em épocas de eleições: as hordas de cabos eleitorais; a composição das mesas; os dispositivos de segurança; o fato do dia escolhido ser domingo; a solenidade da posse, etc., tudo acontece com uma excessiva dose de fervor religioso. E o que dizer desse misterioso fenômeno, cujo acontecimento se dá em um único dia a cada quatro anos, onde multidões são chamadas a reconhecerem a probidade de tantos candidatos que nunca o viram pessoalmente? Para exercerem a ilusão de um poder que na realidade não possuem? *continua=>*

=>continuação...

Verdadeiras multidões cabisbaixas enfeitiçadas por hábeis palavras e levadas por uma compulsão democrática.

O voto é a religião do Estado Democrático, por ele o cidadão-crente adere e faz do Estado sua causa superior, esperando proteção e remédio para seus males, tal como o cristão espera a ação benéfica de seu Deus.

Por isso, ainda que o Voto não funcionasse como uma mentira e uma ilusão que rouba nossa autonomia e nossa ação-direta, canalizando a revolta; em última análise, sua prática nos nivela por baixo, transformando-nos numa massa covarde e sem pensamento: o "gado eleitoral" de cujo estrume se alimentam os políticos como besouros do esterco.

Nessa religião é sempre melhor *crer* nalgum governo que em nenhum. E a fé já não exigirá outra coisa que a obediência cega, o indivíduo é obrigado a inclinar-se perante ela até tornar-se preguiça do espírito; a inércia provoca o suicídio intelectual e o crente passa a crer sem saber. Perdendo sua dignidade pessoal lança para o fundo da urna, juntamente com seu voto, a própria liberdade.

É deste anestésico moral que se tem valido os governos na manutenção de seu domínio; retirada a confiança que se poderia ter em si mesmo, o governo por representação paralisa a vida e o poder criativo dos indivíduos engendrando a ação-indireta e a vida por procuração; todos as suas realizações, mesmo aquelas raríssimas de boa fé, provocam efeitos funestos na conduta geral. Essa foi a conclusão que o escritor libertário, William Godwin, chegou na sua "Investigação acerca da Justiça Política" escrita em 1793, alguns anos depois da Revolução Francesa. Dizia que a influência dos governos sobre os homens é, e não poderia deixar de ser, deletéria e desastrosa; tanto que "a instituição política é particularmente forte no verdadeiro ponto onde a eficácia da educação é deficiente" (GODWIN), disso decorre que toda instituição política é fonte infundável de vícios e que o governo, em toda sua história, jamais foi um meio de aperfeiçoamento dos homens, mas, ao contrário, os torna piores. Por outro lado, "um homem virtuoso sentirá sempre a obrigação de atuar por si mesmo e de exercitar seu próprio juízo".

Há mais de duzentos anos atrás, quando os governos ainda não tinham manifestado todos os seus disfarces, é incrível que Godwin escrevesse as seguintes palavras: "Seria de desejar que todo ser humano fosse suficientemente prudente para governar a si mesmo, sem necessitar a intervenção de nenhuma força compulsiva. E uma vez que o governo, mesmo na melhor das suas formas, constitui um mal, o objeto essencial que devemos perseguir é a aplicação da menor quantidade de governo que a paz da sociedade permita".

O mais incrível é que dois séculos depois, após engolir os sapos de tantos totalitarismos, a fé ainda faz cair a maioria neste conto do vigário, neste banditismo em grande escala e nesta escada de enriquecimento pessoal.

Por isso os anarquistas não votam e seu abstencionismo é uma ação refletida de atitude antiautoritária.

CARTA ABERTA AO MOVIMENTO PUNK:

O AUTORITARISMO E A INTOLERÂNCIA NÃO ESTÃO APENAS FORA DE NÓS: ABAIXO O FASCISMO, VENHA ELE DONDE VIER!

São Paulo 12 de setembro de 2002:

Estimados Companheiros:

Infelizmente esta trata de assuntos desagradáveis e penosos, mas sobre os quais não podemos nem devemos nos calar. O Centro de Cultura Social sempre manteve com o Movimento Punk relações respeitadas e amigáveis, mesmo quando divergências de fundo, relacionadas a posições teóricas ou atitudes políticas concretas, ocorriam. Exercemos nossa tolerância quando alguns mal-entendidos conduziram algumas individualidades ou grupos pertencentes a este movimento a excessos ou agressões verbais contra alguns de nossos companheiros ou outros grupos afins e se isto fizemos foi não apenas por respeito, mas também pelo reconhecimento de algumas afinidades entre o referido movimento - mormente a sua ala que reivindica-se do anarquismo - e os ideais libertários que são compartilhados por entidades e companheiros pertencente às mais diversas camadas sociais.

Sempre que surgiram discordância e polêmicas, não apenas com relação ao movimento punk, como também com relação a outros movimentos sociais afins, o CCS, sem abdicar do seu direito à discussão e à crítica, pensa ter sempre tratado tais divergências nos limites da civilidade e da decência, sem se encarnar em dono da verdade e sem tentar

impor suas posições seja pela blandícia, seja pela força. Já um dos lemas da velha 1ª Internacional dizia: "*Paz entre nós e guerra aos senhores*" e esta sabedoria ainda nos parece muito atual. Por tais motivos não podemos calar e nem aceitar os eventos ocorridos no último domingo, 08 de setembro.

O nosso companheiro, FABRÍCIO MARTINEZ, conforme seu relato por E-Mail datado de 09 de setembro p.p. e conforme nossa própria constatação visual, foi sórdida e covardemente agredido e ameaçado de morte por um bando, a coronhadas e golpes de soco-inglês, *de maneira vil e traiçoeira e de modo a, pelo elemento surpresa e pela supremacia do número, impedir totalmente a sua defesa*. Entre os agressores encontravam-se os seguintes elementos: SÉRGIO, guitarrista da banda Senso Crítico, armado de soco-inglês e Daniel MIRANDA, baterista da banda 88 Não, armado de um revólver calibre 38, ambos coadjuvados por Alan Vinícius DOS SANTOS que, se traiçoeiro, ao menos tinha as mãos nuas... Registre-se igualmente que o referido Daniel MIRANDA ameaçou pública e claramente o nosso companheiro de morte!... Como resultado do entrevero, nosso companheiro hoje infelizmente exibe vários hematomas e cortes na cabeça, no rosto e no tórax.

Talvez seja útil tornar pública a causa deste ato inominável: Fabrício e sua namorada, a nossa companheira Ana, estavam distribuindo, no local onde deveria ocorrer um show da banda argentina ARGIES, um panfleto denunciando a *violência contra a mulher* e solicitando o *boicote à referida banda*. E porque fizeram isto? Simplesmente porque, há um ano aproximadamente, durante a tournée desta banda argentina pelo Brasil, a nossa companheira Ana foi vítima de uma *tentativa de estupro* praticada pelo guitarrista GUSTAVO, membro da referida banda.

Paradoxalmente, o espancamento descrito ocorreu próximo ao local onde se daria um show em apoio ao movimento dos meninos e meninas de rua, no qual as referidas bandas deveriam se apresentar. *Casa de ferreiro, espeto de pau*, diria um eventual cínico de plantão!...

Na verdade a questão é mais profunda e mais séria; os atos praticados no último domingo tem apenas uma única denominação apropriada: *trata-se de um ato de violência demagógica e fascista*, perpetrado por energúmenos que, não obstante o que digam ou o que pensem, não obstante divirjam em fardamento, penteado e aspecto externo das hordas de SA's e de Camisas Negras, com suas botas luzidias, camisas pardas ou escuras, braçadeiras, cacetes e armas de fogo, na verdade são feitos do mesmo material: *são a escoria excremental*, da qual se servem os poderosos, os ricos e o governo para calar as vozes discordantes; são o caldo de cultura do fascismo.

Se não vejamos: é mesma a sua tática traiçoeira e vil de ataques surpresa, com supremacia de número e uso de armamento contra indivíduos isolados e desarmados; é mesma a sua intolerância, pois ao invés de em primeiro julgar e ponderar os fatos e os argumentos, prioriza-se a violência física desencadeada sem controle; é mesmo o seu fanatismo, pois se o outro não concorda comigo deve ser esmagado, não se perguntando se o outro tem ou não razão, não se inquirindo a realidade dos fatos: quem está comigo está sempre certo e quem não está é meu inimigo; é mesma a sua obtusidade, a sua cegueira, etc..

Ora, se algo tem pêlo de gato, cara de gato, corpo de gato, mia e anda pelos muros como um gato, além de outras coincidências, poderia algo distinto de um gato? *Fascista é aquele que age, pensa e se comporta como fascista, pouco importando o que alegue ou diga*.

Sabemos que o movimento punk enfrenta um duro combate com os skin-heads, explicitamente fascistas; tivemos oportunidade de combater juntamente a estes últimos por ocasião das manifestações de protesto contra os assassinatos por eles promovidos na Praça da República em 2.000. E não consideramos de modo algum no seu conjunto, todos os punks iguais aos fascistas. Mas perguntamos: se nosso companheiro tivesse sido assassinado, qual a diferença concreta deste ato, com aquele cometido pelos fascistas em 2.000? Os anarquistas foram e são defensores da completa liberdade sexual; existe algo mais oposto a ela que o coito obtido à força? E aquele que o pratica não está utilizando do poder da maneira mais sórdida: a bruteza da força física? Seria a denominação de *fascista* inadequada para ele? E a convivência com uma prática brutal e autoritária, seria atitude de capachos e de desfibrados ou a de homens livres? Atitudes de seres subjugados ao fascínio da autoridade ou de anarquistas? Lutamos muito contra a autoridade contida nos grandes aparelhos do estado; clamamos contra a escola autoritária, contra o absurdo dos exércitos e das guerras, contra a prepotência e a violência do polícia, mas se eu sou impedido de manifestar livremente a minha opinião por quem dela discorda através de

=>continuação...

porradas e ameaças... será isto muito diferente da atitude de um coronel da PM de impedir que uma manifestação de rua siga o seu caminho com tiros e bombas? E se a pessoa que assim impede a minha manifestação se diz democrata, socialista, anarco-punk ou anarquista, poderá ela, com justiça e razão, assim se denominar?

Sabemos que tendes as vezes que enfrentar duramente os carecas e que vos restam poucas alternativas, mas é justo utilizar os mesmos métodos de chanfallo contra aqueles que não vos querem destruir.

Diz o ditado que *o uso do cachimbo faz a boca torta* e isto infelizmente é verdade. Parece que alguns de vossos companheiros não conseguem mais distinguir o objeto necessário da violência. Este é um grande perigo: a combatividade, por vezes infelizmente necessária, transformar-se, na cabeça de alguns, na *volúpia irracional e elemental da violência* e neste caso não mais se indaga se *se deve ou não* praticar tal ato; ele é acionado automaticamente, como qualquer outra jaculação orgânica, sob a ação de determinado estimulante que neste caso é o *outro*: és diferente de mim, parto-te as fuças! Os gorilas e chimpanzés possuem uma sociologia muito mais elaborada! Este, na prática, é o substrato comum de várias atitudes autoritárias, dos hooligans aos fascistas, passando pelo dito "crime organizado" e pelas corporações policiais. Não se pode transigir com tais atitudes pois elas contaminam qualquer movimento, qualquer iniciativa.

Os fins não justificam os meios. Se queremos uma sociedade livre e igualitária, sem vexações e sem necessidades, não podemos utilizar na luta por sua construção, meios que se baseiem nas vexações nas privações, na estupidez e na ignorância... Não podemos dar shows para arrecadar dinheiro para os meninos de rua e praticarmos entre nós a mesma violência que a polícia pratica contra eles. Não podemos lutar pela dignidade e pelo respeito se, no dia a dia, praticamos ou aceitamos que os amigos pratiquem sevícias e violações com os outros.

Assim, caros companheiros, queremos que os autores da agressão ao Fabrício sejam imediatamente desautorizados por vós, queremos o vosso repúdio a esta atitude que parece-nos isolada no momento, mas que não podemos de forma alguma permitir que se propague. Queremos ainda a vossa promessa de que nem ele nem nossa companheira Ana sejam mais importunados. Diz um ditado espanhol: *cria corvos e eles te arrancarão os olhos* e infelizmente a história do fascismo vem nos alertar desta verdade. Mussolini foi ardoroso militante socialista antes de se converter à direita e muitos dos SA de Hitler eram filhos da classe trabalhadora, muitos ex-militantes radicais do socialismo, do anarquismo e dos sindicatos. Atitudes como esta não podem existir em nosso seio

Saúde & Anarquia
A COMISSÃO DE GESTÃO

PROGRAMAÇÃO CULTURAL ENTRADA FRANCA - SEMPRE AS 16:00H

"Os raios de todas as educações convergem para um ponto central: a personalidade. Por mais sábio e profundo, por mais pedantesco e de baixo quilate que o saber seja, ele limita-se a ser uma posse e uma propriedade enquanto não desaparecer no ponto invisível do Eu, donde depois ressurgirá com uma força tremenda, como vontade, como espírito supra-sensível e inapreensível. O saber acede a esta transformação logo que deixa de aderir exclusivamente aos objetos, logo que se torna saber de si [...]. Então, inverte-se, transmutando-se em pulsão, por assim dizer, como se fosse um instinto do espírito, um saber sem consciência".

Max Stirner, *Do Falso Princípio da nossa educação*.

09/11/2002

"Vegetarianismo e Anarquismo"

Com Rui Fernando Cavalheiro, da C.N.A.

23/11/2002

Lançamento do livro:

"A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)" de

Raquel de Azevedo (*in memoriam*)

Com a Prof. Tucci Carneiro (USP/SP)

30/11/2002

"Uma experiência Pedagógica"

Com Jonas Nunes e Ana, BS.

07/12/2002

IIª Reunião Semestral dos sócios e amigos do CCS.

14/12/2002

Sarau Libertário:

Músicas

Danças

Declamações

Improvisos...



Gilvanildo Oliveira Avelino
Santa Cecilia
Av. Duque de Caxias, 42 apto.145
Sao Paulo /SP
01214-000 -

IMPRESSO